

História da educação de surdos: da Antiguidade à Idade Moderna

A história comum dos surdos é uma história que enfatiza a caridade, o sacrifício e a dedicação necessários para vencer “grandes adversidades”.

Nídia Limeira de Sá

Buscando na história da educação informações significativas sobre o atendimento educacional dos surdos, pode-se constatar que, na Antiguidade, as noções a respeito dessas pessoas eram basicamente ligadas ao misticismo e ao ocultismo, não havendo base científica para o desenvolvimento de noções reais. O conceito de diferença individual não era compreendido ou avaliado.

Considerando que, de modo geral, as coisas e situações desconhecidas causam temor, a falta de conhecimento sobre as deficiências em muito contribuiu para que essas pessoas, por serem diferentes, fossem marginalizadas, ignoradas.

Assim, podemos compreender como eram vistas as pessoas surdas desde os primórdios da civilização. Eram entendidas como “não humanas”, seres desqualificados e inferiores e que, por isso, deveriam ser eliminados.

Juntamente com o pensamento de “como poderiam sobreviver”, os surdos enfrentavam outro problema, comum a todas as minorias humanas, ou seja, a constante busca do homem em sua existência na imposição de padrões. Essa situação agravou ainda mais as práticas discriminatórias e inferiorizantes contra aqueles considerados fora dos padrões.

Tais práticas discriminatórias eram traduzidas por políticas de assassinatos de bebês e crianças portadoras de algum tipo de deficiência, e isso esteve presente em diferentes povos e culturas da Antiguidade. As principais civilizações da época eliminavam os surdos de diferentes formas como, por exemplo, os chineses, que os lançavam ao mar. Já os gauleses os sacrificavam aos deuses, e na Grécia, principalmente em Esparta, eram lançados do alto dos rochedos.

Com os hebreus, em suas leis escritas na Torá, encontra-se pela primeira vez referência aos surdos, onde se pode ler: “Quem dá a boca ao homem? Quem o torna mudo ou surdo, capaz de ver ou cego? Não sou Eu, Javé?” (Êxodo, 4:11), ou “[...] não amaldiçoes o mudo nem coloques obstáculos ao cego” (Levítico, 19:14). Ser surdo e ser mudo representava a vontade do Senhor e, por isso, que poderia o homem fazer? Nesse sentido, aos surdos puderam ser reconhecidos alguns direitos como cidadãos, mas não era permitido o casamento, possuir ou herdar bens e nem ser proprietário de algo. Assim, privados de diversos outros direitos, ficavam com sua sobrevivência comprometida.

Ainda nesse contexto histórico, Sócrates declarou aceitável que os surdos se comunicassem com gestos. E mais tarde, no século IV a.C., Aristóteles afirmava que a educação somente poderia ser obtida através da audição. Portanto, alguém que não conseguia ouvir, que não possuísse linguagem, dentro de sua concepção, não seria capaz de aprender nada, sendo impossível o desenvolvimento do raciocínio.

A Era Cristã

Entre o ano 1 d.C. e o início da Idade Moderna, as referências sobre a surdez são escassas, mas no início desse momento histórico a própria religião, com toda a sua força, ao colocar o homem como imagem e semelhança de Deus, o ser perfeito, inculcava a ideia da condição humana como incluindo perfeição física e mental. E não sendo “semelhantes a Deus”, os portadores de deficiência ou imperfeições eram postos à margem da sociedade. Nesse sentido, essas pessoas eram consideradas impuras e condenadas por Deus, como sendo castigadas por Ele, e acometidas de doenças ou diferenças físicas, com uma existência cruel a cumprir.

Com o nascimento de Jesus, o Filho de Deus para os cristãos, a teologia ocidental mudou significativamente. Os diferentes não eram mais considerados impuros, nem carregavam sobre si o castigo de seus pecados. Segundo Jesus, todos seriam filhos de Deus, amados por Ele, não pelo que pudessem ter ou fazer, mas sim pelo que eram: seres humanos.

Obviamente, ainda restaram alguns resquícios do passado, pois pela cultura da época não era tão fácil assim aceitar as diferenças. Até mesmo pela própria Bíblia, muitos dos diferentes foram “curados” por Jesus. Isso poderia significar para aquele tempo que a perfeição seria possível dependendo da vontade do Senhor.

Dessa forma, com toda a implicação religiosa que os ensinamentos de Jesus suscitaram, as controvérsias ocorreram, até mesmo porque São Paulo, no século I d.C., em sua Epístola aos Romanos, 10:17, afirmou: “[...] a fé deriva da pregação e a pregação é o anúncio da palavra [...]”, justificando, assim, aqueles que teriam negado aos deficientes o acesso à religião, aos sacramentos e mesmo à salvação da alma.

Mesmo assim, as mensagens de Jesus serviram para o resgate do valor e da dignidade humana e essa influência está na base de muitas das escolas filosóficas e de muitos comportamentos que, hoje, julgamos bons, adequados e verdadeiros.

Do mesmo modo que São Paulo, não se pode dizer que todos compartilhavam das mesmas opiniões, pois Santo Agostinho, filósofo e teólogo cristão muito influente, defendeu a ideia de que os pais de filhos surdos estariam pagando por algum pecado que haviam cometido. Por outro lado, aceitava que os surdos podiam se comunicar por meio de gestos, que substituiria a fala, e que assim poderiam apreender os ensinamentos cristãos e garantir a salvação de suas almas.

Há relatos que, por volta de 700 d.C., John Beverley foi considerado o primeiro educador de surdos, pois pela primeira vez ensinou um surdo a falar.

Final da Idade Média e Idade Moderna

No final da Idade Média é que os dados com relação à educação de surdos tornaram-se mais disponíveis. Nessa época começam a surgir os primeiros trabalhos na área da educação para crianças surdas, e na forma de integrá-las na sociedade.

Foi também nessa época que saímos da perspectiva religiosa para a perspectiva da razão, em que a deficiência passa a ser analisada sob a óptica médica e científica. Os primeiros registros de educadores de surdos no ocidente começam a surgir a partir do século XVI, principalmente na Espanha, França, Inglaterra e Alemanha. Girolamo Cardano (1501-1576), médico,



Creative Commons/Yazhang.

teoriza que a audição e o uso da fala não são indispensáveis à compreensão das ideias e que a surdez é mais uma barreira à aprendizagem do que uma condição mental.



Creative Commons/Luis García.

Fundador da Escola para Surdos em Madri, na Espanha, Pedro Ponce de León (1520-1584), monge beneditino, dedicou-se à educação de crianças surdas da nobreza castelhana. O seu método incluía a datilologia, a escrita e a fala. Também na Espanha, em 1575, Lasso, um jurista, concluiu que os surdos que aprendiam a falar deixariam de ser mudos e deveriam ter direitos hereditários garantidos.

Outro educador espanhol que se ocupou da educação de surdos, Juan Pablo Bonet (1579-1633), publicou em 1620 o livro *Reducción de las Letras y Arte para Enseñar a Hablar a los Mudos*. Desenvolveu seu trabalho, iniciando o processo pela aprendizagem das letras do alfabeto manual, passando ao treino auditivo, à pronúncia dos sons das letras, depois às sílabas sem sentido. Em seguida, ensinava as palavras concretas e as abstratas, para finalizar com as estruturas gramaticais complexas. É considerado um dos mais antigos defensores da Metodologia Oralista.



Domínio público.

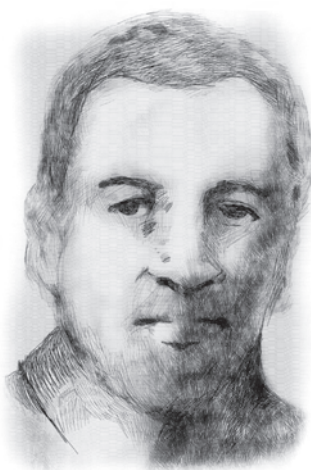
No século XVII surgiu a língua de sinais e sua utilização no processo de ensino dos surdos.

Na Inglaterra, em 1644, o médico John Bulwer, publicou *Chironomia, or the Art of Manuall Rhetorique*. Nessa obra descreveu centenas de gestos e defendeu que a “linguagem da mão” era a única natural para os surdos. Quatro anos mais tarde, defendendo as possibilidades de expressão por meio de gestos e algumas questões referentes à área médica, como o porquê de surdos gerarem filhos não surdos, lançou *Philocophus: or the deafe and dumbe mans friend*.



Domínio público.

No mesmo país, George Dalgarno (1628-1687), filólogo e professor em Oxford, lançou em 1680 *The Deaf and Dumb Man's Tutor*, com diversas teorias para ensinar aos surdos por meio da linguagem gestual, principalmente com a utilização do alfabeto manual.



IESDE Brasil S.A.

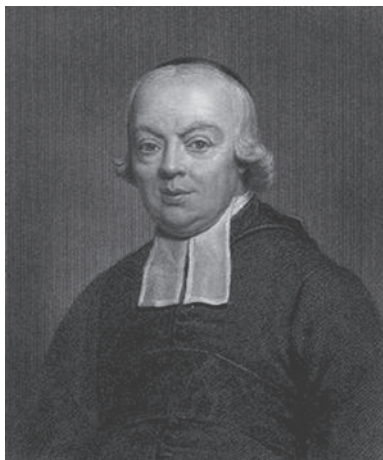


IESDE Brasil S.A.

Já na Suíça, o médico Johann Konrad Amman (1698-1774) descobriu que os surdos podiam sentir as vibrações da voz quando colocavam as mãos na garganta. Utilizou esse artifício para treinar a fala e publicou *A Dissertation Speech*, em 1700.

Século XVIII

Um dos períodos mais prósperos da educação de surdos foi o século XVIII, pois houve a fundação de várias escolas ao redor do mundo e qualitativamente a educação de surdos também evoluiu. Por meio da língua de sinais, esses indivíduos podiam aprender e dominar diversos assuntos e exercer diferentes profissões. O abade Charles Michel de L'Épée, francês, nascido em 1712, foi um dos responsáveis por esse avanço. Ele reuniu os surdos dos arredores de Paris e criou a primeira escola pública para surdos, que também era precursora no uso da língua de sinais.



Domínio público.



Domínio público.

Em 1776, L'Épée publicou *Instruction de Sourds et Muets par la Voix des Signes Méthodiques* numa tentativa de integrar a gramática da língua francesa com a língua de sinais, com o objetivo de fazer com que todos os surdos franceses aprendessem a ler e escrever. Ele morreu em 1789, e suas principais contribuições foram:

- criação do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em Paris;
- reconhecimento do surdo como ser humano, por reconhecer a sua língua;
- adoção do método de educação coletiva;
- reconhecimento de que ensinar o surdo a falar seria perda de tempo; antes, devia-se ensinar a língua gestual (WIKIPÉDIA, 2010).

Compreendendo esses fatos, pode-se concluir que os seres humanos, no decorrer da história, tentaram entender e aceitar as diferenças físicas, linguísticas e culturais. Mas também não se pode negar que nem sempre tenham agido com a melhor das intenções. O fato é que, muitas vezes, os preconceitos geraram regras extraoficiais de tratamento, a despeito do que rogava a lei e do que se considerava correto. Portanto, embora tenham havido tentativas de se fazer respeitar as características individuais dos surdos, isso não impediu a ocorrência de práticas discriminatórias.

E por outro lado, apesar de todo o desenvolvimento desse período, os avanços deram lugar a uma era de disputas entre os métodos oralistas e os baseados na língua de sinais, culminando no momento mais obscuro de toda a educação de surdos, o Congresso de Milão.

Texto complementar

A história dos surdos contada pelos ouvintes

(SÁ, 2006. Adaptado.)¹

Em síntese, a história dos surdos, contada pelos não surdos, é mais ou menos assim: primeiramente os surdos foram “descobertos” pelos ouvintes, depois eles foram isolados da sociedade para serem “educados” e afinal conseguem ser como os ouvintes; quando não mais se pôde isolá-los, porque

¹ Prof.ª Dr.ª Nidia Limeira de Sá é mãe de surda, psicóloga, mestre e doutora em Educação, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, coordenadora do Espaço Universitário de Estudos Surdos (EU-SURDO).

eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersá-los, para que não criassem guetos. A história comum dos surdos é uma história que enfatiza a caridade, o sacrifício e a dedicação necessários para vencer “grandes adversidades”. A história tradicional enfatiza que os resultados apresentados geralmente são pequenos, mas são enobrecidos pelos esforços despendidos para consegui-los.

Prefiro entender, no entanto, que a história dos surdos é mais produto de resistência que de acomodação aos significados sociais dominantes. Segundo Carlos Skliar (1998, p. 17), como formas de resistência ao poder do ouvintismo, os surdos se serviram de expedientes tais como: “o surgimento de associações de surdos enquanto territórios livres do controle ouvinte sobre a deficiência, os matrimônios endogâmicos, a comunicação em língua de sinais nos banheiros das instituições, o humor surdo etc.”. Segundo ele, estes constituem apenas alguns dos muitos exemplos que denotam uma outra interpretação sobre a ideologia dominante.

Chegamos ao quadro de dominação dos ouvintes sobre os surdos porque a sociedade tem repertórios interpretativos constituídos através da História, e estes repertórios instituem poderes e definem práticas que na maioria das vezes não atendem aos interesses dos grupos colonizados. Mas, existe a resistência, e o agrupamento identificatório dos surdos com outros iguais possibilitou a construção de identidades que ultrapassaram/ultrapassam o pertencimento de classe e construíram identidades baseadas naquilo que alguns defendem como “etnia” da surdez. Wrigley (1996, p. 12) traz uma figura interessante quando diz: “a surdez é um ‘país’ sem um ‘lugar próprio’. É uma cidadania sem uma origem geográfica”.

Esta é uma questão interessante: o grupo das pessoas surdas poderia ser considerado como um grupo étnico? A etnia é definida, geralmente, através de duas dimensões principais: raça e língua. No caso das pessoas surdas, a língua é uma importante categoria definidora. “As pessoas surdas são vistas como um grupo físico diferente, isto é, como se fosse uma raça diferente, ou seja, elas se tornam racializadas através da língua – de sinais – diferente que utilizam. A definição da identidade étnica é dependente de um processo em que entra em conflito a forma como um grupo dominante define a etnia e

a forma como um grupo étnico se define a si próprio. [...] O local da etnia é um local contestado, numa luta para definir quem definirá a etnia do grupo, quem a construirá”, diz Davis (1995, *apud* SILVA, 1997, p. 11). Por essa via de interpretação, pode-se observar o quanto as questões patológico-terapêuticas são distanciadas da complexidade da questão.

Caso essa “etnicidade” seja considerada, será possível construir uma escola de surdos que possibilite trocas culturais e o fortalecimento do discurso surdo, trocas que possibilitem às comunidades manifestarem sua própria produção cultural e sua forma de ver o mundo. Haverá de surgir identidades comunitárias e culturais pensadas a partir do que o grupo pensa sobre si mesmo. Dessa forma, os surdos poderão reconstruir seu próprio processo de educação, e terão vez no contexto escolar, afinal, é necessário dar vez às subjetividades silenciadas.

Diga-se de passagem, a interpretação aqui levantada não está baseada numa perspectiva que vê más intenções em tudo e em todos os que trabalham/trabalham com surdos segundo outra perspectiva, significa uma tentativa de desvelamento dos critérios pelos quais nós, enquanto seres sociais, fazemos as delimitações quanto àquilo que é aceitável ou não, produzimos identidades aceitáveis e tendemos a excluir o que sai da norma. O objetivo é romper com o habitual para dar visibilidade à produção dos sentidos que vão surgindo na sociedade, fazendo com que nos posicionemos e sejamos posicionados.

Dica de estudo

Para complementar os estudos, sugere-se a leitura da tese de doutorado de Karin Lilian Strobel, intitulada *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. Florianópolis: UFSC, 2008.

A pesquisa da autora consiste em um estudo que possibilitou a coleta de dados sobre a cultura do povo surdo, a reflexão sobre as práticas ouvintistas nas escolas de surdos e resistências do povo surdo contra essa prática, procurando resgatar a cultura surda na história.

Atividades

1. Aponte quais eram as concepções acerca da surdez e da educação de surdos na Antiguidade.

2. Na Era Cristã houve uma mudança no pensamento sobre os diferentes, a partir dos ensinamentos de Jesus. Porém, nem todos compartilhavam opiniões favoráveis. Comente.

3. No final da Idade Média até o século XVIII houve muitos avanços no que se refere à educação de surdos, inclusive com a publicação de diversos materiais, com técnicas de ensino e métodos. Cite alguns dos estudiosos da época e suas principais contribuições.

Gabarito

1.

- As noções eram baseadas no misticismo e ocultismo.
- Os surdos eram considerados inferiores e incapazes.
- Não se aceitava a educação desses indivíduos.
- Eram marginalizados e ignorados.
- Eram eliminados nas diversas culturas, sendo condenados à morte de diferentes formas, como: sacrifícios aos deuses, lançamentos ao mar ou do alto dos rochedos.

2. Embora Jesus ensinasse que todos eram filhos de Deus e seriam amados por Ele, independentemente de sua condição, alguns religiosos da época, como São Paulo e Santo Agostinho, ainda carregavam resquícios do passado. Afirmaram que àqueles com deficiência seria negado o acesso à religião, aos sacramentos e mesmo à salvação de sua alma e que estariam pagando por algum pecado cometido por seus pais.

3.

- Girolamo Cardano: a audição e o uso da fala não eram indispensáveis à compreensão das ideias e que a surdez é mais uma barreira à aprendizagem do que uma condição mental.
- Pedro Ponce de Leon: fundador da Escola para Surdos em Madri, seu método incluía a datilologia, a escrita e a fala.
- Juan Pablo Bonet: desenvolveu seu trabalho, iniciando o processo pela aprendizagem das letras do alfabeto manual, passando ao treino auditivo, à pronúncia dos sons das letras, depois as sílabas e as palavras. É considerado um dos mais antigos defensores da Metodologia Oralista.
- John Bulwer: descreveu centenas de gestos e defendeu que a “linguagem da mão” era a única natural para os surdos.
- George Dalgarno: propôs teorias para ensinar aos surdos por meio da linguagem gestual, principalmente com a utilização do alfabeto manual.

- Johann Konrad Amman: descobriu que os surdos podiam sentir as vibrações da voz quando colocavam as mãos na garganta.
- Abade Charles Michel de L'Épée: criou o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em Paris; reconheceu o surdo como ser humano, admitindo a sua língua natural; adotou o método de educação coletiva e acreditava que ensinar o surdo a falar é perda de tempo, devendo ensinar-lhes a língua gestual.

Referências

CABRAL, Eduardo. **Para uma Cronologia da Educação dos Surdos**. Porto: NEPES - IFSC, 2001.

LANE, H. A. **A Máscara da Benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

POKER, Rosimar Bortolini. **Abordagens de Ensino na Educação da Pessoa com Surdez**. Marília: Unesp, 2007.

REVISTA da Feneis. ano 1, n. 1. Rio de Janeiro, jan./mar. 1999.

REVISTA da Feneis. ano 1, n. 2. Rio de Janeiro, abr./jun. 1999.

REVISTA da Feneis. ano 2, n. 6. Rio de Janeiro, abr./jun. 2000.

REVISTA da Feneis. ano 2, n. 8. Rio de Janeiro, out./dez. 2000.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Educação de Surdos**: a caminho do bilinguismo. Niterói: UFF, 1999.

_____. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima *et al.* **Ensino da Língua Portuguesa para Surdos**: caminhos para a prática pedagógica. v. 2, MEC: Brasília, 2004.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. Florianópolis: UFSC, 2008.

WIKIPÉDIA, a Enciclopédia Livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_dos_surdos>. Acesso em: 3 ago. 2010.

[illegible]

